

## **A Dialética de Marx**

Karl Korsch\*

A enorme importância de que se reveste a obra teórica de Karl Marx para a prática da luta de classe proletária consiste em ele ter reunido pela primeira vez formalmente numa unidade sólida, na totalidade viva de um sistema científico, todo o conteúdo das ideias novas que transcendem o horizonte burguês e surgem inelutavelmente na consciência do proletariado a partir da sua situação social. Karl Marx não criou o movimento proletário (como imagina muito a sério muito burguês adorador do diabo). Também não criou a consciência de classe proletária; mas deu ao seu conteúdo novo a expressão teórica e científica apropriada e elevou, assim, ao mesmo tempo, esta consciência proletária a um nível superior. A tradução das concepções de classe "naturais" do proletariado em conceitos e proposições teóricas e a sua poderosa sistematização do "socialismo científico" não devem entender-se de forma alguma como simples "reflexo" do movimento histórico real do proletariado. São antes componentes imprescindíveis desse processo histórico real ele próprio. O movimento histórico do proletariado não se podia tornar "autônomo" nem "unitário" sem que se formasse uma consciência proletária autônoma e unitária. Assim como o movimento proletário amadurecido e organizado no plano político e econômico, nacional e internacional, se distingue dos primeiros movimentos e convulsões dispersos e desorganizados do proletariado, também o "socialismo científico" se distingue, como "consciência de classe organizada do proletariado", dos sentimentos e ideias difusos e informes em que a consciência proletária encontra a sua primeira expressão imatura. Mesmo numa perspectiva prática, a constituição teórica do socialismo em ciência levada a cabo por Karl Marx no Manifesto Comunista e n'O Capital mostra-se portanto, como um elemento absolutamente necessário no contexto do grande processo de evolução histórica em que o movimento proletário se desprende pouco a pouco do movimento revolucionário burguês do "terceiro estado" e o proletariado se constituiu em classe autônoma e unitária. Só assumindo a forma de uma "ciência" rigorosa é que o conteúdo das ideias proletárias que foram o conteúdo do "socialismo moderno" pôde purificar-se radicalmente das ideias burguesas a que começara por estar inseparavelmente ligado pela sua origem e que o socialismo transformado em "ciência" pôde então cumprir verdadeiramente a missão de

---

\* Texto publicado pelo autor em março de 1923.

Karl Marx e Friedrich Engels lhe consignaram: investigar, enquanto "expressão teórica" da ação revolucionária do proletariado, as condições históricas e a natureza desta ação e, assim, "elevar a classe que, hoje oprimida, é chamada a agir à consciência das condições e natureza da sua própria ação".

Ao caracterizar-mos, na exposição precedente, o significado prático da forma científica do socialismo moderno ou marxista, definimos também já, ao mesmo tempo, o significado do método dialético utilizado por Karl Marx. É que, se é certo que o conteúdo do socialismo científico existia anteriormente à sua elaboração científica, como concepção informe (concepção proletária de classe), não é menos certo que a forma científica que este conteúdo reveste nas obras de Marx e Engels, quer dizer, o "socialismo científico" propriamente dito, foi essencialmente produto do modo de pensar a que Marx e Engels chamaram o seu "método dialético". E não o foi graças a um acaso histórico, como muitos "marxistas" contemporâneos gostariam de imaginar, o que implicaria, portanto, que as proposições científicas que Karl Marx produziu com a aplicação do seu "método dialético" poderiam hoje, ao serem reproduzidas, ser à vontade separadas desse método, porventura já tornado absolutamente antiquado pelo progresso que se verificou entretanto nas ciências, e que a sua substituição por outro método seria hoje, portanto, não só possível como até absolutamente necessária. Quem assim fala não compreendeu precisamente o mais importante da dialética marxista. Como poderia, de outra forma, passar-lhe pela cabeça que, nos nossos dias, numa época em que a luta de classes se agudiza em todas as esferas da vida social (e, portanto, também da chamada vida espiritual), se poderia abandonar o "método essencialmente crítico e revolucionário" que Karl Marx e Friedrich Engels opuseram, como método novo da ciência proletária, ao "modo de pensar metafísico", ao mesmo tempo que à estreiteza de vistas específica dos últimos séculos" e a todas as formas anteriores de "dialética" (especialmente à dialética idealista de Fichte-Schelling-Hegel). Só quem absolutamente não vê que há uma diferença essencial entre a "dialética proletária" de Marx e todo o outro modo de pensar (metafísico e dialético) e que essa dialética representa o único modo de pensar em que o conteúdo novo das ideias proletárias, formadas na luta de classes, pode encontrar uma expressão teórica e científica que corresponda à sua verdadeira natureza, só quem não vê tudo isto pode lembrar-se de que este modo de pensar dialético, porque representaria "apenas a forma" do socialismo científico, seria, pois, também "algo de exterior e indiferente ao objeto", de forma que, por conseguinte, o mesmo conteúdo conceptual objetivo se poderia exprimir tão bem ou até melhor noutra forma. Isto é muito parecido

com o que se passa quando certos "marxistas" dos nossos dias imaginam que o proletariado poderia conduzir o seu combate prático contra a ordem econômica, social e política da burguesia adotando outras "formas" que não precisamente a forma bárbara e primitiva da luta de classes revolucionária. Ou quando essas mesmas pessoas fingem para si e para os outros que o proletariado poderia levar a cabo a sua missão positiva, a realização da sociedade comunista, por outras vias que não a ditadura do proletariado, com os meios também do Estado burguês e da democracia burguesa, por exemplo. O próprio Karl Marx, tinha, porém, uma opinião inteiramente diferente sobre essas coisas, ele que escrevia já, numa obra de juventude: "A forma não tem valor se não for a forma do conteúdo" e que, também mais tarde, sublinhou sem cessar que só a utilização consciente do método dialético permite aceder à compreensão real, a um tempo positiva e negativa, quer dizer, conscientemente revolucionária, do processo da evolução histórico-social - compreensão que constitui a essência específica do "socialismo científico". Sem dúvida que esta dialética nova ou "proletária" em que assenta a forma científica do socialismo marxista não se distingue apenas da forma mais extrema do modo de pensar ordinário, estreitamente metafísico. Ela é também, pelos seus fundamentos, "absolutamente distinta" da dialética burguesa, que encontrou a forma mais acabada no filósofo alemão Hegel, e é até, em certo sentido, o seu "contrário direto". É impossível e supérfluo abordar aqui em detalhe as múltiplas consequências destas diferenças e oposições. Para os fins que pretendemos, basta sublinhar que estas diferenças e oposições se devem atribuir inteiramente a que a "dialética proletária" é precisamente a forma em que o movimento revolucionário de classe do proletariado encontra a expressão teórica que lhe é adequada. Se se compreendeu isto ou se se entreviu, mesmo só confusamente, esta relação, compreende-se dum só golpe toda uma série de fenômenos de outra forma dificilmente explicáveis. Compreende-se porque é que a classe burguesa dos nossos dias se esqueceu tão completamente dos tempos em que ela própria tinha que conduzir, como "terceiro estado", uma luta ora tenaz, ora heroicamente intensificada, contra a ordem econômica feudal e contra a sua superestrutura político-ideológica (nobreza e clero), tempos em que o seu porta-voz ideológico, o abade Sieyès, lançou à ordem social dominante uma sentença perfeitamente dialética: "O que é o terceiro estado? Tudo. - Que foi ele até hoje na ordem política? Nada. - Que exige ele? Ser alguma coisa". Para a burguesia, agora que o Estado feudal foi derrubado e que, no Estado burguês, ela não é apenas alguma coisa, mas se tornou tudo, já só há duas posições face ao problema da dialética. Ou a dialética é um ponto de vista hoje totalmente ultrapassado, só respeitável

no plano histórico, como uma espécie de delírio sublime do pensamento filosófico no esforço para superar os seus limites naturais, delírio para que um homem sensato e bom burguês não deve de modo algum deixar-se arrastar; ou então o movimento dialético tem, em qualquer caso, que se deter irrevogavelmente, hoje e sempre, no ponto final absoluto em que o último filósofo revolucionário da classe burguesa, o filósofo Hegel, o fez outrora deter-se. Ele não pode ultrapassar com os seus conceitos os limites que a sociedade burguesa também não pode ultrapassar na realidade sem se suprimir a si própria. A sua última palavra, a grande síntese universal em que todos os antagonismos estão definitivamente resolvidos ou podem sê-lo, é o Estado. Perante este Estado burguês que representa, no seu desenvolvimento integral, a satisfação completa de todos os interesses burgueses e, por conseguinte, o fim último da luta de classe burguesa, já não há, precisamente por isso, para a consciência burguesa, nenhuma antítese dialética, nenhuma oposição inconciliável. Quem, não obstante, se coloca prática e teoricamente em oposição a esta realização absoluta da Ideia burguesa, abandona o círculo sagrado do mundo burguês, coloca-se fora do direito, da liberdade e da paz burgueses e também, por conseguinte, fora de toda a filosofia e ciência burguesas. Compreende-se porque é que, para este ponto de vista que vê a sociedade burguesa atual como única forma pensável e possível de vida social, a "dialética idealista" de Hegel, que encontra na Ideia do Estado burguês o remate ideal, é a única forma pensável e possível de dialética. Em contrapartida, como era igualmente de supor, esta "dialética idealista" da classe burguesa já não tem valor para a outra classe da sociedade burguesa atual, que é levada diretamente à revolta contra todo este mundo burguês e contra o seu Estado "por uma miséria absolutamente imperiosa, que já não se pode iludir nem atenuar - a expressão prática da necessidade", porque esta classe representa já ela própria concretamente, no conjunto das suas condições materiais de vida, do seu ser material, a antítese formal, o contrário absoluto desta sociedade burguesa e do seu Estado. Para esta classe, criada no seio da sociedade burguesa pelo mecanismo interno do desenvolvimento da propriedade privada, por "uma evolução independente dela, inconsciente, contra a sua vontade, condicionada pela natureza das coisas", para esta classe que vê o seu objetivo e ação revolucionários "prefigurados de forma patente e irrevogável nas próprias circunstâncias da sua vida, bem como em toda a organização da sociedade burguesa atual", impõe-se também de forma igualmente necessária, com base nesta sua situação social de classe, uma dialética nova, revolucionária, já não burguesa e idealista, mas proletária e materialista. É que a "dialética idealista" da burguesia só "na ideia" pode resolver os antagonismos materiais entre

"riqueza" e "pobreza" que existem na sociedade de classes burguesa, na ideia do Estado burguês, puro e democrático, de forma que estas contradições resolvidas "idealmente" subsistem sem solução na realidade social "material" e aumentam até constantemente de extensão e agudeza. A essência da nova "dialética materialista" da classe proletária consiste, pelo contrário, em que ela suprime no concreto a oposição material entre a riqueza burguesa (o "capital") e a miséria proletária, suprimindo esta sociedade de classes burguesa e o seu Estado de classe na realidade material da sociedade comunista sem classes. A dialética materialista constitui, por conseguinte, como "expressão teórica" da luta histórica do proletariado pela libertação, o fundamento metodológico indispensável do "socialismo científico".